

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº150 - JUNHO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Primeira Versão destina-se a divulgar ensaios breves em todas as
Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte
Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for
Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

150



FLÁVIO DUTKA

REFLEXÃO SOBRE RUÍNAS

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - UFRO

caldas@unir.br

REFLEXÃO SOBRE RUÍNAS

Conheci um viajante de um país antigo / Que disse: "Duas enormes pernas de pedra, sem tronco / Se erguem no deserto. Próximo, na areia, / Meio enterrado, uma face esfacelada, cujo cenho franzido, / E lábio enrugado, e sorriso de frio escárnio, / Atestam que seu escultor leu suas paixões / Que sobrevivem, ficando estampada naquelas coisas sem vida, / A mão que zombou delas, o coração que alimentou; / E no pedestal, surgem estas palavras: / "Meu nome é Ozymandias, rei dos reis: / Olhai minhas obras, ó Poderosos, e desesperem-se!" / Nada mais resta. Ao redor a decadência / Daquela ruína colossal, sem fim e nua / Na areia vazia e plana que se expande ao longe. (Ozymandias, Percy Bysshe Shelley)

1 - Isso nos maravilha (sempre nos maravilhou): Adão agonizante por ter se empeçonhado com o fruto da vida; perdido, por haver saboreado do fruto, por conhecer o bem e o mal, por ter cessado de ser semelhante, por haver conquistado a ruína: a ruína que construirá o existente enquanto se mantiver ruína. O conhecimento das coisas assim como a existência advém dessa ruína, desse afastamento, dessa criação sobre o que não somos mais: esse ser que jamais fomos. O segredo da existência, os profundíssimos mistérios estão encerrados no depois desta árvore portentosa e funesta que vem, poeticamente, muito depois: a origem jamais está na origem: está sempre depois do começo, da palavra, da crença, do mito, do sonho, da *poíesis*: as origens se amontoam em ruínas.

2 - Criamos o mundo por uma discordância essencial, um abismar-se, um afastamento ontológico criando o *ontos*: sem ele não somos: o ser é o recinto mesmo da ruína. Daí porque complexos míticos sempre terão como demiurgo ou um ser destruidor, ou um ser que se afastou do ser supremo ou ainda um ser decaído se pondo a criar um universo que o refletisse: a queda e o pecado: a distância criadora e a criação enquanto distância, reordenamento: negando o antes, as águas primordiais a divindade cria e inicia uma história: mas sempre destruindo, até o pacto. Nessa não-conformidade a brecha que nos torna. Para nós não há "estado de natureza", nós somos a natureza, a presença nefasta. O diabo pecou desde o princípio; a iniquidade de Lúcifer precede a Criação. Sem essa iniquidade a criação não tem nem sua origem nem seus começos.

3 - O ser em fragmentos, aos pedaços, arruinado; sempre longe de casa (de uma casa jamais existente), longe do pai, esquecido da mãe, sem igual e sem irmão; é Lúcifer: somos nós ("o demônio é sua índole", de Heráclito). Esse ser faz ver através, ver por dentro, exatamente por ser a única opacidade. Lúcifer, que somos nós, é uma "catástrofe que incessantemente amontoa ruínas sobre ruínas" (Benjamin, tese IX).

4 - Tal é o revés que altera a harmonia constituinte. Os elementos do nosso ser dispersam-se e não podem se unir. Não há o projeto de reabilitação porque somos aquilo que possibilita o "cosmo". O desequilíbrio original. A presença que funda e se afunda na ruína de ser. A harmonia, o eterno, o absoluto, a divindade são facetas dessa ruína fundamental quando não consegue ver-se enquanto ruína. Construimos sobre nós mesmos nos mantendo incompletos: ruínas.

5 - A ruína literalmente significa destruição, mutilação, vida morta, o fim, o desfecho. O que já não possui vitalidade mas ainda existe, desprovido de função e utilidade, mas saturado de tempo. E esse tempo perpetua a morte, a destruição, o esquecimento, a disfunção. Somente a carcaça, a pele deslocada sobre o projeto, a morte, o vazio se tornam visíveis e se perpetuam: a ruína em sua visibilidade é uma ante-sala do Caos: um vislumbre. Isso que teima em se perpetuar é

a ruína, o fundamento (o fim remetendo e clarificando o fundamento), o que apregoa o que foi naquilo que é. Diz minuciosamente tudo que foi e não é mais. E no entanto persiste sem ser, neste proclamar-se pornográfico.

6 - Ruína e natureza: termos antagônicos: é a ruína que faz aparecer, para nós, a natureza. A exterioridade é ruína: essa pele em fatias, cheia de rugas, talhos, voçorocas, desmoronada, mil vezes colada e recolada, pensada e repensada, vivida e revivida, trabalhada e retrabalhada, ruína sobre ruína, se transforma em estrutura, ordem, cartografia: cosmo.

7 - O "projeto estético" de Hitler, na verdade um projeto ontológico, era o ideal de "limpeza" das "sujeiras", das fraquezas dos "degenerados", dos "impuros", dos que arruinavam o sangue, as palavras, a história e a cultura: uma fuga da ruína: ilusão estúpida, perversa e perigosa: somente o holocausto, a destruição total, pode esconder a ruína fundamental do existir. Purificando até não restar mais diferença, aresta, dicotomia, discordância, devires, sobreposições. O mundo do capital (na verdade a ocidentalidade) tende a esta "limpeza" das ruínas, a esse afastamento purificado, a transformação do diverso no único, do degradado corpo do viver no corpo puro "desde a origem". Como se não existíssemos somente enquanto ruínas e arruinando.

8 - A ruína como uma poética da morte, como aquilo que aponta não somente o que já foi, mas aquilo que será e não poderá deixar de ser. Por isso todos nós sentimos uma secreta atração pelas ruínas. Isso indica não somente um sentimento que entende nossa fragilidade, estende nossa intimidade no fazer-se, mas uma secreta conformidade tanto com nossa pequenez quanto com nossa grandeza enquanto demiurgos que para existirmos precisamos a tudo arruinar e esquecer. Sem isso nos aproximaríamos perigosamente do Caos, aquele antes, aquele depois, aquela desordem e aquele mistério que se esconde latente por dentro de todos as coisas: somente nosso ter feito, nosso fazer-se e nosso a-fazer, essa presença inescapável, formata o existir: essa pele.

9 - O mundo para nós é uma desmesurada colagem perceptiva, intelectual, sígnica, imagética: faz-se por micro-construções, micro-colagens, micro-esquecimentos, micro-dobras, micro-discursos: fatias de ruínas virtuais. A colagem existencial cria, mantém e reproduz a existência. A dialética da ruína vê o mundo essencialmente como ruína, em franco arruinamento e a realidade sendo somente em desmoronamentos, em fragmentos colados pela existencialidade. A ruína é a multiplicidade do tempo no aparente mesmo. O que se sobrepõe como cascas de cebola envolvendo o Caos.

10 - A ruína é o "*Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris*", do livro de Jó (10: 9): Recorda homem que és pó e em pó te converterás. Não somente que se tornará pó, mas que é pó (magnificamente desenvolvido por Vieira nos sermões de "Quarta Feira de Cinzas"). A questão da ruína não diz respeito somente ao depois, naquilo em que tudo se converterá, mas ao próprio modo do ser em sua medida de existência: ele é pó: já é ruína e por isso pode criar e recriar o mundo: sua condição é a de incompletude, de brecha, de inadequação, de fragmento e areia: e o Caos se abre enquanto mundo, enquanto cosmicidade: o único, o total, o absoluto, o pleno não existem.

11 - Individualmente também só podemos *fazer* alguma coisa quando incompletos, quando desequilibrados. A completude, o estar pronto para o trabalho e para a reprodução, é um dos maiores crimes: porque engana a todos dizendo que eles podem ser e fazer coisas que jamais puderam: eles estão concluídos como uma mercadoria: podem somente agora mentir para si mesmos e para os próximos: animais sonhando serem homens.

12 - A ruína das coisas são epifanias: nos quadros, nos sonhos são pontos hipnóticos. Tudo que existe chegará a ser ruína, conhecerá o que é ser ruína: "E por que não passariam as obras humanas, se o sol que as alumia há de cair da sua abóbada?", como bem disse Chateaubriand. Por isso não conseguimos deixar de nos ver: mesmo mortos estamos vivos, mesmo invisíveis estamos ali.

13 - Há infinitas espécies de pequenas ruínas, mas somente uma que é o princípio de todas elas: nós mesmos. E somente por sermos ruínas podemos vê-las. Mas essa visão ao excluir a ruína, o fazer que faz, vê somente a pele, a maquiagem, a pantomima, o vestígio: e isso é o mundo.

14 - As ruínas são mais que restos: são arquétipos das devastações e das dissoluções que garantem nosso ser e sustenta o existir; oferecem tão somente a imagem do nada antes, durante e depois, sem um poder reparador. Nós, que podemos repará-las, somos, irremediavelmente, ruínas: metáfora, pleonasma, alegoria.

15 - Obra da desgraça do existir e não do tempo, principalmente porque a destruições dos homens são, além disso, mais violentas e completas que as das idades. E a maior ruína não é a das coisas, mas as dos homens e sua idade. Devastações do corpo, dos desejos, dos sonhos, da alma e do olhar. A morte, o envelhecimento e as degradações desvendam a existência sem os suportes ridículos da ingenuidade, quase sempre bem mais burra que ignorante.

16 - As ruínas arquitetônicas são momentos onde tudo se torna patente, atravessável, aberto: essa ruína é a transparência e não a opacidade: não é a pele, mas o despelado. Nela podemos cruzar o que antes era impedido, pular onde se caminhava, correr onde antes havia muros, criar portas onde era sólido. Podemos ver, dentro, o fora antes invisível e fora podemos ver dentro como se fosse um fora: o plano se desvenda. O horizonte se abre, se dilata, fica suspenso. O em cima e o embaixo se encontram. O aberto se fecha e o fechado se abre. A existência é a antiarquitetura: se faz no aberto vendo somente o fechado. A ruína arquitetônica é o *Panóptico* de Bentham. E o corpo individual e a comunidade se tornam cada vez mais esse *Panóptico*: a falsa ruína fascista.

17 - À ruína aderem e se multiplicam planos, vivências, lógicas, substâncias: múltiplos, antagônicos: a ruína é contradição que lateja: impossível haver conciliação, o que seria aplicar um método e substituí-la por dados, números, conceitos.

18 - A ruína, por ser *grotesca*, é sempre alegórica: sua entrega não pode ser literal. Por isso sua alegoria não é um documento: não é um indicativo do passado, um fragmento significativo, restos de um tempo outro: o apreensível pelo método. As ruínas não são rastros. Ela não faz falar uma totalidade ausente como queria Benjamin. Ela é o próprio modo de ser. E não somos *históricos*: a historicidade é uma maneira de ver, não de ser. Para Benjamin o conceito de ruína, corporificado na alegoria, revela o significado da vida ou o fracasso existencial mas é ainda um respeito ao possível, ao reconstruível. Para Nietzsche a tragédia manifesta no herói a libertação do viver, mas sugere uma certa alegria mais alta ao combater, mesmo que seu fim seja a derrota e a conseqüente ruína.

19 - Benjamin: Angelus Novus: o anjo da história: asas abertas, boca dilacerada, olhos escancarados, face mirando o passado: acúmulo de ruínas, catástrofes, destroços, escombros, desmoronamentos, extermínios, esgotamentos, extinções, derrotas, apodrecimentos, devastações: deseja deter-se acordando os mortos, juntando fragmentos, mas a tempestade do tempo impede suas asas de fechar e o empurra para o futuro, ao qual ele vira as costas enquanto as ruínas crescem, proliferam, invadem. Para Benjamin a ruína não representa somente o esquecimento, a extinção, o acabamento: é o vir-a-ser, o que além do esfacelamento permanece. Em Benjamim a ruína é figura ambivalente, designa o que foi destruído pelas classes dominantes apontando também para o que se dissolve daquilo que foi construído com o entulho. É o reviver do malogro, mas também num sentido antecipatório: espaço de reivindicação e luta.

20 - A verdadeira ruína é uma experiência somente completamente possível depois da primeira metade do século XX (o Shoá). Antes ela tende sempre a ser positiva, recuperável, fragmento, cristã, documento e não o horror irrecuperável do ser em seu viver.

21 - Na tragédia se expõe o sem sentido, a trajetória nadificante, o deparar-se com a aniquilação seja individual, seja coletiva, seja total, a impotência da vontade, a nulidade do desejo e do sonho: a ruína é o espetáculo do próprio ser na medida em que é o horror e o absurdo de ser.

22 - O instrumento é ruína, a técnica é ruína, a mão é ruína.

23 - Estas reflexões não são fragmentos, mas ruínas também: já não podemos criar senão ruínas. Pequenos templos em ruínas, pois tudo é ruína. Perversa ruína.

coda: Verbetes

DICIONÁRIO ANALÓGICO – CARLOS SPITZER (1952)

O QUE SOBRA, RESTO – S. resto, relíquia, destrôço, arruinaria, escombros, caliça, resíduo, sobra, virtualhas, migalhas, serraduras, fezes, borra, sentina, nateiro, maravalhas, aluvião, caveira, escória, refugio, rebotalho, restolho, arnela, aparas, cinza, pó, conto trôco, troça, tronco, toro, cepo, soqueira, ponta, (de cigarro), ruínas, fragmento, pele, vagem, casulo, reserva, triários, lucro, deixa, herança, falido, pé, fécula, bagaço, rapalhas, gito (no canal de fundição), tôco, côto, saldo, ressoca, engajo, marroxo, escovilha, (resíduos metálicos), comeduras, cisalhas, (aparas), sobreposse, de sobejo, de remissa, por demais, crescidos, tártaro (de vinho), sedimento, caídos, cuim, (arroz em pó), alimpaduras, bicos, talha, buruso, resíduo, soca, escorralho, ás, escorredura, babugem, outo (na eira), sarro, amido, raspas, limpaduras, (de), sobreexcedente, reserva, gato (alf.), toíça, torresmo, escumalha, chapéu, montadura, montada, semichas (crescências de medidas), volta (de dinheiro), restena, restolho,

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA (1877), Antonio de Moraes Silva.

RUINA, s.f (do Lat.) Destruição; caída, queda: v.g. ruina do edifício; e fig. Ruina *da saúde, dos bens, do estado*: “das garras da *ruina* salvar a glória da nação Latina” Diniz, Pind. 2. § Perda da fortuna, do credito, da felicidade, etc. § *Fazer ruina*; arruinar-se. H.Dom. 1. 4. c.25. § *Ruína*; cousa que cae, e arruína sobre outra.

Eneida, 7. 138. “*ruína* do mar sobre a penha.” § *As ruínas*; o que resta dos edifícios arruinados; e fig. “as ruínas de Adam” *Vieir*. § Ruínas do muro; quebradas por onde se pode subir; e fig. *subir pelas ruínas dos outros*; por desgraça, abatimento de outrem. Vieira. § V. Decadência, syn.

ENCYCLOPEDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL (1900)

RUINA (do lat. *ruina*, de *ruere*), s.f. Resto, parte mais ou menos informe de um ou mais edifícios; edifício velho, edifício desmoronado ou escalavrado pelo tempo ou por causas naturais ou accidentais: *E contudo San Francisco de Santarém é uma bella RUINA, que merecia examinada de vagar* (Garrett). (Neste sentido é mais us. no plural). / fig. Estado de destruição, de degradação; modificação para pior: *E todavia ella salvou a arte dramatica da sua completa RUINA* (Garrett). / Enfraquecimento que conduz á destruição ou perda, abatimento, decadência: *Desmoralisação moral que ameaça a RUINA da fé e a subversão da sociedade* (Mont’Alverne). / Perda da fortuna, da prosperidade, da felicidade, do crédito, de bens materiais ou morais: *Aquelles gastos levam-no á RUINA. A sua RUINA deve-a ao jogo.* / Desmoronamento; destruição; destroço: *O predio ameaça RUINA.* / Queda, decadência completa: *A RUINA de um Estado, de um imperio.* / Cauda de perda, de destruição: *Aquella guerra foi a RUINA da nação.* / por ext. Diz-se da pessoa que já não é o que era, que perdeu todas ou parte das antigas qualidades: *Aquelle actor é apenas uma RUINA.* / s.f. pl. Destroços, restos de edifício, de obras de arte, que sofreram a acção do tempo, das causas naturais ou accidentais. / por ext. Restos de civilizações passadas.

LELLO UNIVERSAL (1940)

RUINA, s.f. (lat. ruina). Degradação muito grave, destruição de um edifício: *salvar da ruína um monumento histórico*. Resto de um edifício desmoronado ou destruído pelo tempo ou por outras causas n’esta (acepção mais us. no pl.): *o castelo de Leiria é uma bella ruína*. Estrago, destruição, decadência: *a ruína de um império*. Causa de perda, de destruição: *Helena foi a ruína de Tróia*. Perda dos haveres, do crédito, da prosperidade, da saúde. Por ext. Pessoa, em quem o tempo ou as vicissitudes da vida exerceram grande estrago físico ou intellectual: *mulher que outrora foi bella e que está agora uma ruína*. Pl. Destroços, escombros: *as ruínas de Palmyra*. ANTÓN.: fortuna, prosperidade.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA (2001)

RUÍNA s.f (1623 cf. Sdom) 1 ato ou efeito de ruir 2 (1679-1697) restos ou partes mais ou menos informe de um ou mais prédios desmoronados ou destruídos pelo tempo, explosão, incêndio etc; escombros, destroços, ruínia 3 *fig.* estado de destruição, de degradação; modificação para pior; aniquilamento, extermínio 4 *fig.* enfraquecimento moral ou material que leva à destruição; abatimento, aviltamento, decadência 5 *fig.* perda da fortuna, da prosperidade ou da felicidade; queda na miséria física ou moral 6 decadência total; derrocada <a r. do Império Romano> 7 (1644) *fig.* causa de males ou destruição 8 *p.ext.* que não é mais como era, que perdeu seus atributos ou encantos; sombra ⊙ ETIM lat. *ruina,ae* `queda, ruína; destruição, desgraça, desventura; derrota; carnificina; morte, falecimento; choque, embate; pl. ruínas, escombros, entulho’, de *ruere* `ruir’, por via erudita; ver *ruir* ⊙ ANT fortuna, prosperidade ⊙ COL ruínia

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*E se esta carne explodisse
e tocasse a neblina
e se confundisse no ar
e nos seres sem permissão?
E se não houvesse uma ordem
contra os vivos que se matam
e contra os mortos ainda vivos?
Se tudo o que vejo é o tédio
e o nojo desse jardim,
que importam facas no ar?
Veneno e espinho
e pedaços de carne
para todos os lados.*

CARLOS MOREIRA